

Gooooooooool: Notas sobre mitologias futebolísticas no Brasil e na Argentina¹

Lennita Oliveira Ruggi*

Universidade Federal do Paraná

Hilton Costa**

PGHIS – Universidade Federal do Paraná

Bolsista do CNPq

Resumo: O presente artigo busca discutir alguns elementos constitutivos da aqui denominada “mitologia futebolística” do Brasil e da Argentina, muito mais do primeiro do que da segunda. O cerne da argumentação gira em torno dos discursos, imagens e funções atribuídas ao futebol nestes países, enfatizando como os futebolistas detêm um papel limitado nesse processo. Como os atletas têm sua voz bastante cerceada e induzida por diversos agentes à confirmação de uma idéia do futebol e dos futebolistas. Logo, partindo da análise de biografias de ex-futebolista, de pesquisas outros autores e autoras, de narrativas produzidas por literatos e jornalistas se procura notar como, de um modo geral e generalizante, as mitologias acerca do futebol no Brasil e na Argentina, em grande medida, mais do que silenciar futebolistas, constroem um “lugar” para eles, para suas vidas e trajetórias.

Palavras-chave: futebol, nacionalismo, política.

Abstract: This article discusses some of the constituent elements from the so called "football mythology" of Brazil and Argentina, giving priority to the first. The core of the argument revolves around the speeches, images and functions assigned to football in these countries, focusing on how the players hold a limited role in this process. Athletes have their voice constrained and induced by various agents to confirm an idea of football and footballers. Thus, based on an analysis of biographies of former footballer, research other authors and authors of narratives produced by writers and journalists seeking to note how, in general and generalizing, the mythologies about soccer in Brazil and Argentina, rather than mute players, build a "place" for them, their lives and careers.

Keywords: soccer, nationalism, politics.

Introdução: entre o verde amarelo e azul-celeste

O presente artigo busca discutir alguns elementos constitutivos da aqui denominada “mitologia futebolística” do Brasil e da Argentina, enfatizando o contexto brasileiro e emprestando do futebol argentino algumas reflexões, peculiaridades e similaridades. O período abordado vai de meados do século XX a princípios do século XXI, sem rezar por uma

* Professora Assistente de Sociologia da Educação na UFPR. Mestre em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pela Universidade de Coimbra. Mestre em Sociologia pela UFPR.

** Graduado em História e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorando em História na Universidade Federal do Paraná

linearidade absoluta. O cerne da argumentação gira em torno dos discursos, imagens e funções atribuídas ao futebol nestes países, enfatizando como os futebolistas detêm um papel limitado nesse processo. Como os atletas têm sua voz bastante cerceada e induzida por diversos agentes à confirmação de uma idéia do futebol e dos futebolistas. Nesta direção, o termo mitologia assume o sentido não de inverdade ou mentira, mas de uma versão possível dos fatos. Assim, partindo da análise de biografias de ex-futebolista, de pesquisas realizadas por outros autores e autoras, de narrativas produzidas por literatos e jornalistas procura-se perceber como, de um modo geral e generalizante, as mitologias acerca do futebol no Brasil e na Argentina, em grande medida, mais do que silenciar futebolistas, constroem um “lugar” para eles, para suas vidas e trajetórias.

Futebol como projeto nacional: notas ao redor de um 19 de novembro

Gooooooooool!

Corri direto para o fundo da rede, peguei a bola e a beijei. O estádio era uma explosão de rojões e gritos. De repente, me vi cercado por uma imensa multidão de repórteres. Havia microfones diante do meu rosto, e então dediquei o gol às crianças do Brasil. Disse que precisávamos cuidar das nossas criancinhas. Comecei a chorar e fui parar em cima dos ombros de alguém, segurando a bola no alto como um troféu.

(...)

Por que mencionei as criancinhas? Era o aniversário da minha mãe naquele dia, e talvez eu devesse ter dedicado o gol a ela. Não sei por que não pensei nisso. Na hora me vieram à cabeça as criancinhas. O que aconteceu é que me lembrei de um incidente ocorrido em Santos alguns meses antes. Eu saía do treino um pouco mais cedo quando vi uns garotos tentando roubar um carro estacionado perto do meu. Eram uns meninos pequenos, a quem você normalmente daria uns trocados para lavar o seu carro. Perguntei o que estavam fazendo e eles responderam que eu não me preocupasse, só estavam roubando carros com placas de São Paulo. Eu falei que não iam roubar carros de lugar nenhum e mandei sumirem dali. Lembro-me de ter conversado depois com um companheiro de time sobre aqueles meninos, sobre os problemas de crescer no Brasil. Eu já me preocupava com a formação das crianças, e essa foi a primeira coisa que me veio à cabeça quando marquei o gol. (PELÉ, 2006: 171)

A narrativa acima se refere a um jogo realizado no Maracanã em 19 de novembro de 1969, entre o Santos Futebol Clube e o Clube de Regatas Vasco da Gama, no qual se concretizou o milésimo gol de Pelé. Baseado em um levantamento encomendado pela Confederação Brasileira de Desportos, a contagem regressiva para o milésimo gol transformou-se em um acontecimento midiático cercado de expectativa, que culminou, de acordo com a autobiografia de Pelé, em um grito de “gol” com nove “O’s” que ele dedicou às “criancinhas”. Pertinente enfatizar que isto acontecia menos de um ano após a entrada em

vigor do Ato Institucional nº 5, que consolidou o endurecimento da Ditadura Militar vigente no Brasil, fechando o Congresso Nacional, proibindo quaisquer reuniões de cunho político e determinado a censura prévia de produções jornalísticas, televisivas, musicais, teatrais e cinematográficas. Segundo Hilário Franco Junior, “nesse período caracterizado pela repressão, o futebol se tornaria instrumento da ditadura” (FRANCO JUNIOR, 2007: 143).

Transformado em estratégia do que hoje em dia se chamaria *marketing*, o futebol era enfatizado como denotador de normalidade, desenvolvimento e nacionalismo. Neste sentido, é relevante observar que a delegação brasileira na Copa do Mundo do México, em 1970, foi deliberada e profundamente militarizada. “Cabelos cortados ao estilo da caserna, preparação física coordenada por militares, contraditoriamente a este esquema tão rígido a seleção se transformaria, dentro de campo, em paradigma do futebol-arte” (AGOSTINO, 2002: 163). As relações entre o governo militar e o futebol reforçaram sobremaneira o investimento identitário da brasilidade em “nossos” jogadores.

Marcelo Weishaupt Proni argumenta que a concretização de um Campeonato Nacional, instituído em 1971, foi em larga medida motivado pela ambição de multiplicar os dividendos políticos mobilizados através do futebol. A paulatina expansão do número de times participantes, na interpretação dos defensores do formato, tornava o Campeonato “inclusivo e democrático (abrindo espaço à participação de equipes de todo o país, sem diferenças)”. Os críticos, por sua vez, afirmavam que “esse discurso apenas procurava legitimar o estilo de gestão autoritária e os mecanismos de cooptação política, perdendo de vista a hierarquia clubística (separação em Divisões), sem a qual o equilíbrio entre os competidores e a qualidade do torneio ficavam comprometidos” (PRONI, 2002:145). De fato, se valendo das considerações de Simoni Guedes, Marco Antonio Santoro Salvador e Antonio Jorge Gonçalves Soares, a utilização política do futebol no Brasil não era algo novo, os militares que estavam no poder em 1970-71, é plausível de dizer, se alinharam a uma prática recorrente. Ainda segundo Soares, o projeto México 70 era um projeto militar, pois fora tutelado desde o princípio por figuras ligadas às Forças Armadas (GUEDES, 1998; SALVADOR, SOARES, 2009).

De acordo com a terminologia de Gilberto Agostino, durante a ditadura militar, a esfera futebolística foi mobilizada para suprir a “obsessão legitimadora” do regime, sendo a festa comemorativa relacionada ao milésimo gol de Pelé uma “oportunidade sem igual” para a interação entre futebol e poder (AGOSTINO, 2002: 158). “Aquilo virou a notícia do ano. A imprensa – local e internacional – parecia não falar de outra coisa. Cada jogo do Santos era

acompanhado por uma multidão de repórteres” (PELÉ, 2006: 166). A “calculada antecipação” que cercou o feito visava perpetuar a expectativa sobre ele. “Até porque ninguém podia saber exatamente em que jogo o tento histórico seria marcado, embora esforços tenham sido feitos para que este ocorresse em uma grande praça – preferencialmente o *Maracanã*” (AGOSTINO, 2002: 158). Cinco dias antes do jogo com o Vasco, em 14 de novembro de 1969, o Santos realizava um certame com o Botafogo Futebol Clube da Paraíba, em João Pessoa. Pelé, ao converter em gol uma cobrança de pênalti, marcou seu 999º gol. “Daí em diante, segundo o depoimento do juiz do jogo, Armindo Tavares de Pinho, tudo foi feito para que Pelé não tivesse oportunidade de marcar novamente, a ponto de o técnico do *Santos*, Antoninho, acertar no intervalo da partida a saída do goleiro [Jair Estevão] e a entrada de Pelé no gol” (AGOSTINO, 2002: 158-9). (Substituições não eram permitidas na época e Pelé era, de fato, o goleiro reserva do time.) Em sua autobiografia, Pelé descreve o mal súbito que acometeu o goleiro titular como “uma coisa muito estranha” e declara não ter a “menor lembrança” do técnico premeditar a contusão de Jair Estevão, apesar de seus companheiros de time garantirem que ela ocorreu. A torcida presente em João Pessoa desaprovou a estratégia e expressou seu descontentamento com ruidosas vaias. Ainda no nordeste, o Santos enfrentou o Esporte Clube Bahia, em Salvador, jogo no qual Pelé teve duas oportunidades de gol: numa delas a bola atingiu a trave e na outra o zagueiro que realizou a defesa foi vaiado pela torcida de seu próprio time.

Além de demonstrar a intensidade de trabalho dos jogadores na década de 1960 (três jogos em menos de uma semana), a história do milésimo gol de Pelé é reveladora do que poderia ser denominado como política geográfica da visibilidade, um jogo de interesses midiático-estatais que favorece a caixa de ressonância do Maracanã em detrimento do estádio do Botafogo da Paraíba. Ao longo do tempo o próprio Pelé repensa esse momento da sua carreira, pois em suas declarações anteriores não aparecem críticas ao grande número de partidas, tais críticas aparecem posteriormente como indicam sua *Autobiografia* e Ana Paula da Silva em sua tese de doutoramento, *Pelé e o complexo de “vira-latas”*: discursos sobre raça e modernidade no Brasil (PELÉ, 2006; SILVA, 2008a). Com efeito, a “fama”, para além de ser limitada no tempo, tem suas condições de existência localizadas espacialmente, na medida em que determinados “centros” têm preponderância na produção e difusão de conteúdos midiáticos, dominando os critérios de julgamento e exercendo poder de atração em um processo retro-alimentado de hegemonia. A contrapartida desta dinâmica é que os torcedores paraibanos não sejam considerados merecedores de testemunhar ao vivo o auge da

carreira dos “melhores do mundo”. Ironicamente, uma recontagem realizada em 1995 pelo Jornal Folha de São Paulo sobre a carreira de Pelé resgatou um gol que o atacante fizera contra o Paraguai em 1959, no Campeonato Sul-Americano Militar, quando ele prestava o serviço militar obrigatório (AGOSTINO, 2002: 159). Demonstrativo da arbitrariedade do esforço em quantificar a atuação de um bom jogador de futebol, a recontagem também não pôde transformar em alegria as vaias dos paraibanos que se sentiram desmerecidos em 1969.

19 de novembro foi convencionado como o Dia da Bandeira no Brasil. Segundo a descrição de Pelé, os times do Santos e do Vasco “entraram carregando o pavilhão nacional aberto, cada um segurando de um lado. Havia uma banda militar em campo, balões subiram ao céu. O dia era perfeito para uma festa” (PELÉ, 2006: 169). E a festa foi feita, com direito à beijos na bola, gritos, rojões e “uma imensa multidão de repórteres”. No momento de seu milésimo gol, que poderia ter dedicado à mãe, Pelé lembrou das crianças do Brasil. As crianças que sofrem com a exclusão social, roubam carros e professam uma ética da malandragem que não pretende atingir os vizinhos (“só estavam roubando carros de São Paulo”). Se é possível argumentar que, ao reivindicar que “precisávamos cuidar das nossas criancinhas”, Pelé constrói um discurso de homogeneização e vitimização, por outro lado ele se utilizou de um momento de visibilidade pessoal para expor uma questão social grave e, em larga medida, silenciada (pelo menos na época). Apesar de enfática, a observação de Pelé não é formulada como crítica, estando antes confinada ao espaço do “politicamente correto”, demonstração de afeto/homenagem e, neste sentido, profundamente despolitizada. Ao tratar “sobre os problemas de crescer no Brasil”, o jogador, oriundo de uma família de baixa renda, parece estabelecer um laço de identidade com as crianças em situação de exclusão, apesar de seu interlocutor na autobiografia pertencer a uma classe distinta (como fica claro na afirmação de que “você normalmente daria uns trocados para lavar o seu carro”).

Pertinente frisar, neste sentido, que a autobiografia de Pelé, redigida por Orlando Duarte e Alex Bellos, foi originalmente publicada por uma editora inglesa, sob o título *My Autobiography*, sendo posteriormente traduzida para o português. Um dos mais consagrados e relatados casos de mobilidade social através do futebol, Pelé é uma lenda viva da imagem dos brasileiros no exterior, seu talento e trajetória mobilizam forte componente de orgulho nacional entre os brasileiros (e brasileiras). Segundo Luiz Henrique de Toledo, Pelé simbolizou o ápice da singularidade na tradição do futebol brasileiro. Ponto de convergência de interesses diversos:

Seu corpo vagou pela sociedade em imagens reproduzidas à exaustão nos jornais, revistas, televisões, *banners* nas esquinas, cartazes fixados nos ônibus, *outdoors* pelas vias públicas, placas nos edifícios, figurinhas, decalques e histórias em quadrinhos infantis. Suas formas físicas puderam ser multiplicadas e transfiguradas também no universo simbólico do consumo das mercadorias, fixando, numa estratégia de *marketing* até então sem precedentes no mundo esportivo brasileiro, inúmeras marcas e produtos (TOLEDO, 2004: 154).

A reivindicação política do futebol foi um dos grandes mobilizadores dos investimentos identitários do “país do futebol”: na Copa do México (1970), os “cartazes de propaganda do regime confundiam-se com o sucesso do esporte nacional” (Franco Júnior 2007: 143). Como foi argumentado, o regime militar apropriou-se do futebol de forma paradigmática, mas não foi único neste intento – outros governos, antes e depois, também se esforçaram por fazer a bola correr a seu favor. A utilização do futebol e dos futebolistas como elementos de coesão é algo que os países sul-americanos têm em comum. Salvador e Soares indicam ser:

Interessante observar que esses estudos demonstram semelhanças com o papel do futebol nos países da América Latina – as narrativas culturais indicam esse esporte como fruto das singularidades nacionais. De fato, os países desses continentes experimentaram situações semelhantes em seu processo de identificação nacional e também acreditam que seus estilos de futebol, principalmente, no caso da Argentina e do Brasil, são artísticos e reflexos das condições culturais de encontro entre “colonizadores e colonizados”, entre elite e povo. (SALVADOR, SOARES, 2009: 68).

Paralelamente, a reivindicação do futebol e seus jogadores como indicadores de brasilidade é uma representação que ultrapassa a esfera política e que já estava em formação antes mesmo de uma seleção brasileira ter conquistado qualquer Copa do Mundo. Realizando uma investigação dos discursos sobre o estilo de jogo nacional, Hugo Lovisoló e Antônio Jorge Soares afirmam que “a narrativa sobre a cultura ou o tipo de civilização a ser construída confundia-se com as narrativas sobre o que é e o que deve ser o futebol, o Brasil e os brasileiros” (2003: 134). Segundo estes autores, a metáfora do futebol para a idealização do país constituía-se a partir: “a) do mundo civilizado europeu, que deveria modelar a jovem nação; [e] b) da cultura singular que aqui havia se instalado e se estava construindo, como corresponde a uma nação original” (idem). Dá o que pensar o fato da maior competição internacional entre clubes na América do Sul ser denominada “Libertadores da América”.

Tornar o Brasil “o país do futebol” foi, e continua sendo, um projeto nacional comparável ao de modernização através da industrialização – e imensamente mais bem sucedido. Neste sentido, destaca-se a atividade de um grupo de “jornalistas e intelectuais de

alto capital social que militaram pelo futebol criativo dos jogadores de origem popular” no Rio de Janeiro durante as décadas de 30 e 40 (LOPES, 1999: 112). Tendo como interlocutores Mário Filho, Ari Barroso e José Lins do Rego, Nelson Rodrigues elaborou um conjunto de crônicas incomparável, tanto em sua insistente doutrinação sobre a superioridade brasileira no futebol quanto no valor literário de sua obra.

Em 1956, dois anos antes do time brasileiro se sagrar campeão mundial pela primeira vez, ao comentar sobre um jogo amistoso realizado no Maracanã, Rodrigues afirmava: “Para mim, que me considero um objetivo, um isento, um imparcial, a batalha de ontem, contra os tchecos, demonstrou, precisamente, que nós somos os melhores do mundo, em futebol” (RODRIGUES, 2007: 119). Convém salientar esta vírgula, algo irônica, que separa “melhores do mundo” de “em futebol”. O time brasileiro perdeu o jogo por um gol. Para Rodrigues, isso não prova nada: “Com a nossa estreita e alvar objetividade, temos a mania do resultado. Tudo para nós é o resultado. Os tchecos marcaram um gol e os brasileiros zero, logo os tchecos são melhores. Mas semelhante raciocínio é de uma inenarrável estupidez” (RODRIGUES, 2007: 119). Descrevendo os lances do jogo e reivindicando, na esteira dos cronistas europeus, a importância do time tcheco (que acabara de vencer a consagrada seleção húngara com Puskas), Rodrigues conclui que “embora derrotados, jogamos mais do que os melhores do mundo. Portanto, somos os tais” (RODRIGUES, 2007: 120).

Rodrigues transformou a afirmação da superioridade dos jogadores brasileiros em uma profissão de fé e criticava abertamente os cronistas que não a compartilhassem. Sobre a conquista do Campeonato Pan-Americano de 1956, realizado na Cidade do México, afirmou que os “correspondentes brasileiros, que estavam no México, deviam mandar, de lá, telegramas rimados, ungidos de histerismo cívico. Mas, como estamos em crise de Bilacs, o fabuloso triunfo só inspirou mesmo uma pífia correspondência, que nos enche de humilhação patriótica e vergonha profissional” (2007: 62). A elevação do futebol à questão nacional está imersa, para Rodrigues, na narrativa jornalística – e esta deve responsabilizar-se por torná-lo emocionante: “Os cronistas patricios teriam que dizer, do México, que fomos os maiores, que teríamos papado o próprio escrete húngaro, e que houve, no mínimo, umas 35 bolas na trave. Dirá alguém que seria uma inverdade. De acordo. Mas o fato ganharia em poesia, em ímpeto lírico, em violência dramática” (RODRIGUES, 2007: 23).

A objetividade de Rodrigues tem como pressuposto a maestria brasileira no futebol. Assim, afirma que as “derrotas em campo são meras contingências. (...) O pior, o grave, o irremissível é quando jornalistas e *speakers* brasileiros se põem a negar, a refutar ou

simplesmente a ignorar os méritos evidentiíssimos do nosso futebol e dos nossos jogadores” (2007: 96). Elogiar o futebol da seleção da Hungria, por exemplo, correspondia, para Rodrigues, a “um verdadeiro canto de autonegação” (RODRIGUES, 2007: 86). Sobre os jornalistas que acompanharam o Mundial de 1954, na Suíça, diz que “se falavam de Puskas, escorria-lhes da boca uma água indescritível, que era a baba grossa e bovina da admiração (...) não é normal, não é salubre, não é nem viril que uns sujeitos exaltem os húngaros com histérico exagero para rebaixar o futebol patricio” (RODRIGUES, 2007: 87). Em sua narrativa, é manifesta a relação simbiótica entre pátria e futebol, construída a partir do discurso nacionalista clássico homogeneizante, portanto excludente e sexista. “É o homem brasileiro que vence e se afirma, de maneira dramática, no esporte” (RODRIGUES, 2007: 111). O cronista, se não inaugura, exacerba o futebol como épico brasileiro.

A representação do jogador de futebol brasileiro como “melhor do mundo” denota, a um só tempo, uma reivindicação de identidade compartilhada (*nós* “somos os tais”) e uma imagem a ser difundida para os outros, não-brasileiros. Uma marchinha de carnaval de 1958, cantada por Angelita Martinez e composta por Wilson Batista e Nóbrega de Macedo, é transparente nesta dupla conotação dos “craques” nacionais: “Mané Garrincha, Mané Garrincha / Até hoje meu peito se expande / Mané que brilhou lá na Suécia / Mané que nasceu em Pau Grande // Não é só café / Que nós temos para vender / Dribla, dribla, Mané / Para o mundo inteiro ver” (BATISTA e MACEDO 1958 apud CASTRO 1995: 195). No contexto do final da década de 50, a música enfrentou a proibição da censura, devido à menção do local de nascimento de Garrincha, que foi considerada obscena, especialmente porque Martinez, ao apresentá-la ao vivo, substituíu o *em* por *de* (CASTRO, 1995: 195). Característica das figuras de duplo sentido com longa tradição na música popular brasileira, tal alusão anatômica pode também ser encarada como expressividade da virilidade de Garrincha e, por extensão, dos jogadores brasileiros – igualmente presente nas crônicas de Nelson Rodrigues. Mas o interesse maior em citar a composição de Batista e Macedo reside em sua afirmação do futebol tanto como esfera de emoção compartilhada (“até hoje meu peito se expande”) quanto de performance brasileira no contexto internacional: além de café, Garrincha “para o mundo inteiro ver”.

Fábio Franzini, em sua pesquisa histórica sobre a expansão do futebol no Brasil durante o começo do século XX, argumenta que “o ‘país do futebol’ forma-se muito antes do que se imagina. Muito antes, por exemplo, de 1958 e 1962, quando o triunfo em duas Copas seguidas consagra definitivamente o nome do Brasil no vasto mundo do futebol”

(FRANZINI, 2003: 12). Como aponta Gisella de Araújo Moura, “corria o ano de 1919 quando conquistamos o *nosso* primeiro título internacional”, no III Campeonato Sul Americano, cuja final realizou-se no Rio de Janeiro (1998: 18, itálicos adicionados). Franzini salienta que a difusão do futebol no contexto brasileiro não foi feita sem tensões, contradições e conflitos, difíceis de serem identificados na “visão resumida” que estabelece uma linha de continuidade entre a entrada do esporte no país, através das elites urbanas, e sua apropriação pelo “povo, que a partir daí estabelece com a bola uma ligação profunda e produtiva a ponto de caracterizá-la como um produto nacional, consagrado pela conquista de títulos mundiais e pelo talento de *nostros* jogadores” (FRANZINI, 2003: 10, itálicos adicionados).

Para Franzini, é necessário “escapar à superfície de *nostros* sucessos internacionais, ao brilho de *nostros* craques e mesmo à paixão incondicional que dedicamos à bola para buscar as raízes do vínculo estreito e intenso que estabeleceu entre ela e *nostra* própria identidade” (FRANZINI, 2003: 12, itálicos adicionados). De acordo com ele, a invenção das tradições do futebol brasileiro data das décadas de 1920 e 1930 e há uma diversidade de tensões implícitas na construção do “país do futebol” – especialmente relacionadas à origem social e ao preconceito racial. Franzini investiga a disputa travada e perdida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em defesa de “valores elitistas” – que proibiam o pagamento de salários e bonificações, perpetuando exclusões de classe e raça dentro de campo – e demonstra que a gradativa conquista de espaço pelos jogadores de origem popular não foi desprovida de episódios violentos e racistas. Este processo de inclusão, que serve de base à representação do futebol como “unificador” nacional, é provavelmente uma das mais poderosas narrativas de igualdade social existentes no Brasil contemporâneo, calcada na valorização da competência publicamente demonstrada em disputas regulamentadas dentro das quatro linhas.

A Copa do Mundo de 1950, segundo Gisella Moura, é um evento encarado como momento de afirmação do Brasil empreendedor, vitorioso e bem sucedido – e a construção do Estádio do Maracanã reveste-se de um significado especial. Apesar da muito debatida derrota no jogo final com o Uruguai, para Moura, “*nostros* rapazes jogavam um futebol-arte, bailavam, sambavam com a bola nos pés e encantavam o mundo com suas maravilhosas exibições” (MOURA, 1998: 12, itálico adicionado). Assim como afirma Nelson Rodrigues, o placar expressa só uma parte do jogo. Elemento agregador do país, o futebol, neste sentido, contribuiu para a hegemonia do Rio de Janeiro como capital político-social e vitrine-exterior, bem como para a difusão da “torcida carioca como espelho do povo brasileiro” (FERREIRA, 1998 apud MOURA, 1998: orelha de apresentação).

Tais abordagens são reveladoras da densidade sócio-cultural que envolve e conforma o futebol no país. Multifacetado e heterogêneo, ele foi (e é) mobilizado por uma ampla gama de perspectivas e posições políticas, divergentes ou não. Mas há um importante ponto de convergência, que perpassa a maior parte das interpretações sobre o futebol brasileiro, inclusive as análises de Franzini e Moura. Trata-se da continuidade do que poderia ser denominado como “ordem de discurso” rodriguesiana, na qual está implícita a existência de uma identidade dos futebolistas nacionais, compartilhada por todos os brasileiros. Tal representação se insinua também em trabalhos acadêmicos (as duas obras são o resultado de pesquisas de mestrado nas ciências humanas). Franzini menciona, por exemplo, “o brilho de *nossos* craques” e a “paixão incondicional que [*nós*] dedicamos à bola”, enquanto Moura denomina os atletas de “*nossos* rapazes”, se refere ao “*nosso* primeiro título internacional”. As colocações de pronomes possessivos que acompanham, quase que obrigatoriamente, as alusões feitas por autores/as brasileiros aos jogadores brasileiros são característica importante para vislumbrar não apenas os motivos porque tantos meninos e jovens homens almejam a carreira de futebolista, mas também quais os significados imputados ao jogo na cultura nacional. Para o antropólogo Everardo Rocha, a “verdadeira magia do futebol brasileiro – *o futebol no imaginário dos brasileiros, bem entendido* – está principalmente no fato de que este é o jogo escolhido, o esporte preferencial para, através dele e de suas práticas, falarmos sobre *nós* mesmos” (ROCHA, 2003: 28, *itálicos adicionados*).

Espaço midiático e individualização dos jogadores: “nosso” futebol despolitizado

Na época em que foi proferida, a frase de Pelé sobre as criancinhas foi extremamente criticada. Dado o contexto político reinante, as acusações de que sua atitude teria sido hipócrita e demagógica são perfeitamente legítimas – se nada mais, Pelé era conivente com a utilização de sua imagem pela Ditadura Militar. Todavia, as críticas são igualmente indicativas de uma espécie de indisponibilidade para escutar as falas dos futebolistas. Pois, se é verdade que os jogadores ocupam um significativo espaço midiático, deve-se reconhecer que não controlam o conteúdo do que é veiculado a seu próprio respeito, pelo contrário. Em sua análise de inspiração foucaultiana sobre o futebol brasileiro, José Paulo Florenzano afirma que: “Os programas esportivos da televisão, no rádio e as páginas esportivas dos jornais encontram-se em boa parte transformados em tribunais nos quais a conduta do jogador, dentro

e fora de campo, é classificada, julgada e condenada consoante o ‘padrão de normalização’ imposto no futebol pelas disciplinas” (FLOREZANO, 1998: 14).

No mesmo sentido, debatendo a partir da teoria da comunicação, Sérgio Monteiro Souto questiona: “Em que outra secção [que não o caderno de esportes] seria permitido a um jornalista, sem passar pelo constrangimento de ser flagrado negando as normas que regem a objectividade, dar nota para o desempenho de jogadores durante uma partida? Ou ainda recorrer, sem pudor, ao uso de adjectivos para nominar de ‘horível’ ou ‘fantástico’ um jogo de futebol?” (SOUTO, 2004: 124).

Justas ou injustas, tais hierarquizações midiáticas são profundamente desrespeitosas com os futebolistas enquanto profissionais e demonstrativas da provação psicológica a que a carreira os submete – especialmente para os que são desmoralizados –, mas não esgotam as produções jornalísticas formuladas à revelia dos atletas. Inclusive quando são diretamente inquiridos, as questões são frequentemente rituais, quase esvaziadas. Como aponta ironicamente Eduardo Galeano: “Antes da partida, os comentaristas e cronistas formulam suas perguntas desconcertantes: – *Dispostos a ganhar?* E obtêm respostas assombrosas: – *Faremos todo o possível para obter a vitória*” (GALEANO, 2004: 21-2, itálicos no original). As perguntas vazias induzem, em grande medida, a respostas padrão igualmente vazias e sem maior conteúdo. Todavia, dificilmente a figura do ou da jornalista fica com a marca de “sem conteúdo”, estereótipo recorrentemente atribuído ao futebolista. Este jogo de perguntas vazias a espera de respostas de igual teor não parece ser algo aleatório, ao contrário tal situação remete à imposição de uma ordem discursiva que visa retirar do futebolista o controle de sua fala.

Por exemplo, em uma de suas crônicas na Gazeta do Povo, de Curitiba, Paraná, o jornalista Carneiro Neto lamenta: “De vez em quando conseguimos ouvir alguma declaração inteligente no futebol. É coisa rara, incluindo-se aí locutores, comentaristas, dirigentes técnicos e, sobretudo, jogadores” (CARNEIRO NETO, 10/06/2007: 2). O estigma segundo o qual aos futebolistas falta inteligência pode ser encarado como uma estratégia de desvalorização de suas falas. Comentando sobre uma declaração de um jogador atleticano com a qual concordava, Carneiro Neto conclui que “Alex Mineiro saiu-se bem ao comunicar a preferência em continuar jogando no Atlético mesmo diante do forte assédio [para ser transferido]. O que já foi muito, *porque seus colegas não conseguem articular uma frase que não seja lugar-comum, um clichê, uma bobagem*. Infantilidades ditas por marmanjos” (CARNEIRO NETO. 10/06/2007: 2, itálicos adicionados). Se recordarmos que os processos

de seleção de jogadores no Brasil estão diretamente ligados a classe e raça, se torna ainda mais significativo refletir sobre o estigma de burrice que pesa sobre eles.

A dinâmica de silenciamento dos atletas é ainda mais clara no regimento regulamentar da FIFA a respeito da comemoração de gols: os jogadores estão atualmente proibidos de “tirar a camisa, erguê-la para cobrir o rosto e exibir mensagens religiosas e políticas” (Gazeta do Povo 07/06/2007: 5). Desde julho de 2007, máscaras, gorros ou qualquer outro adereço que não façam parte do uniforme estão igualmente sujeitos a penalizações através de cartões disciplinares. Muito mais frequentes são as estratégias de censura do que de incentivo à voz dos jogadores. Dentre estas estratégias de censura é possível notar o incentivo a um tipo específico de individualização do futebolista, do qual o próprio Pelé é um dos maiores exemplos – a narrativa de seu sucesso está calcada no esforço, dedicação e disciplina individuais. A individualização é posta a criar uma espécie de “cada um por si” e as ações coletivas advindas dos atletas são rarefeitas. Assim, a dificuldade de organização da categoria, para o caso brasileiro, não parece ser resultado apenas da falta de interesse dos atletas, mas também de um processo de indução por parte de clubes, empresários e da própria mídia. Isto vale para o caso brasileiro, pois na Argentina o sindicato representativo dos futebolistas, consegue adesão e ação mais recorrente e efetiva.

O histórico de mobilização no país vizinho é bem mais forte, como se pode observar, por exemplo, na edição de 9 de fevereiro de 1999 do periódico *La Nación*, na matéria intitulada: “La historia de las huelgas: Desde el paro de 1931, que derivó en el profesionalismo, hubo 12 medidas de fuerza”. (*La Nación*, 09/02/1999). As doze paralisações são expressivas. Algumas delas ganharam notoriedade, como a de 1999, em função da violência generalizada que tomava conta da divisão de acesso do campeonato argentino, a justiça determinou a suspensão da mesma. Logo, os futebolistas empregados nas equipes envolvidas neste campeonato se viram em situação complicada. Em solidariedade a eles a Futbolistas Argentinos Agremiados, FAA, entidade representativa da categoria, mobilizou uma greve que paralisou o futebol profissional do país em todas as suas divisões. Acerca deste assunto o mesmo *La Nación* do dia 9 de fevereiro de 1999 traz outra matéria, esta intitulada de “Los jugadores le responden a la Justicia con una huelga”:

En forma unánime, y en representación de todos los futbolistas de primera división, un grupo de 33 jugadores decidió no presentarse a disputar los encuentros del torneo Clausura programados por la AFA hasta que se levante la suspensión del fútbol de ascenso impuesta por el juez Víctor Perrotta el 8 de diciembre último, la cual fue ratificada el 1º del actual. (...)

Esta disposición, que los futbolistas prefirieron calificar como una medida de protesta y solidaridad con sus colegas (...). (*La Nación*, 09/02/1999).

Esta ação específica, pode-se argumentar, ganhou mais força por contar com o apoio da Asociación del Fútbol Argentino, AFA, e do grêmio do árbitros, ou seja, havia uma convergência de interesses. Pois tanto a AFA quanto o grêmio dos árbitros seriam, de algum modo, prejudicados com a suspensão da divisão de acesso.

Tal ação demonstra uma capacidade de mobilização dos futebolistas argentinos em comparação a dos brasileiros se mostra bem maior. Outro momento de convergência de interesses foi no final dos anos 1990 e início dos 2000 com a falência do Racing Club, que impulsiona outra forma de gerir o futebol no país (CRUZ, 2010). Com efeito, o mais interessante disto tudo é que aparentemente o fato dos futebolistas defenderem suas opiniões ou opinião como grupo não ser algo completamente esporádico.

No Brasil, os momentos onde os futebolistas expressam publicamente suas opiniões enquanto grupo são tão excepcionais que viram verdadeiros mitos (mito aqui entendido como algo raro e memorável), como no caso da denominada Democracia Corinthiana, 1982-1984. Até porque a convergência de opiniões entre jogadores e clube como a alcançada no grupo que ficou conhecido como Democracia Corinthiana é bastante incomum.

Experiência paradigmática da abertura política e social que era realizada ainda sob a tutela da Ditadura Militar, a Democracia Corinthiana questionou simultaneamente a patronagem sobre a vida pessoal dos atletas (deslegitimando, por exemplo, a prática da “concentração” compulsória na véspera dos jogos) e o regime estatal autoritário. Se por um lado, a Democracia Corinthiana revela que a esfera futebolística não estava unanimemente e em bloco a favor da Ditadura, por outro chama a atenção para o potencial de mobilização intrínseco ao futebol, potencial que está atualmente, quase que em sua totalidade, voltado para a promoção do consumo. Aos jogadores cabe portar os anúncios publicitários nos uniformes que emolduram seu corpo, mas não divulgar assuntos de interesse pessoal, sejam eles uma fé determinada, uma perspectiva política ou “as criancinhas do Brasil”.

As falas silenciadas, as depreciadas e mesmo as louvadas são selecionadas segundo uma espécie de padrão normativo de comportamento imposto aos futebolistas que pode ser atribuído a imagem construída acerca do futebol. Para o caso brasileiro, ele deve obrigatoriamente ser “conciliador”, “alegre”, “espontâneo”. Logo, posturas postas a questionar tal imagem são alvo crítica, de obliteração. (GUEDES, 1998; 2010/11).

Em contrapartida, é pertinente mencionar que a imagem dos jogadores de futebol está imersa em uma lógica profundamente individualista. A história de vida típica de um

futebolista bem-sucedido consiste em “sair” da pobreza, galgar posições sociais, em uma trajetória ascendente que não desafia, antes reforça, a desigualdade social. Apesar da partilha de rendimentos com os familiares imediatos e amigos próximos, o universo de convívio dos jogadores “vencedores” se transforma tanto quanto seu poder aquisitivo, o que é exemplificado pelo interlocutor implicitamente estabelecido na autobiografia de Pelé, proprietário de um automóvel. Tal percurso de distinção geográfica/temporal é sobremaneira reforçado no deslocamento propiciado pelas transferências internacionais. Correlata à política espacial da visibilidade, o jornalista Fernando Calazans elabora uma crônica lamuriosa sobre uma ocasião em que Maradona participou de uma partida no Brasil: “Esta é uma rara oportunidade que o torcedor brasileiro tem de ver Maradona em pessoa. Poucas vezes ele se aventura por aqui. Prefere os gramados mais ricos e bem tratados da Europa, onde seus passes, dribles e gols têm pagamento à altura. Pobre de nós, plebeus latino-americanos, que não podemos pagar o preço de sua arte” (CALAZANS, 1998: 21).

Em sua interpretação sobre a carreira de Diego Maradona, Pablo Alabarces demonstra como as narrativas sobre a vida do atleta estão repletas de mitificações. “Os dados sobre o nascimento e a infância de Maradona se acumulam em uma única direção: a pobreza, a origem humilde, uma condição social baixa (...) a marca básica que permitirá estruturar a posteriori um *épico* do pobre está condensada no nome da comunidade: *Villa Fiorito*” (ALABARCES, 2002: 144, itálicos no original, tradução livre). Segundo Alabarces, a operação de mitificação se completa com o verbo “sair”: “De Fiorito *se sai*, para chegar à fama, ao mundo, à glória” (ALABARCES, 2002: 145, itálicos no original, tradução livre). Reveladoras da política da visibilidade no qual o futebol está imerso – a fama não poderia ser alcançada *em Villa Fiorito* –, as histórias contadas sobre Maradona estão fundadas na glorificação do herói, que supera individualmente as adversidades. “Sem origem humilde, reza o mito, não há *épico* de ascensão social” (ALABARCES, 2002: 189, tradução livre). Edificada como *épico*, a ascensão dos jogadores despolitiza a desigualdade social.

Em simultâneo, a narrativa de ascensão social tal como é geralmente representada através das trajetórias de vida dos jogadores de futebol contribui para a constituição de uma espécie de “romantização da pobreza” entre aqueles que não a compartilham. Ursi estabelece a problemática nos seguintes termos: “A pergunta que não cala corre o mundo: por que esses meninos pobres viram estrelas de um dia para o outro quase em sequência?” (URSI, 2005: 80). Juntamente com as pretensas características raciais dos afro-brasileiros, também os campos de terra, as bolas de meia e as condições adversas enfrentadas por parte das crianças

brasileiras são mobilizadas como fator explicativo para o “futebol-arte” nacional. “Ora, eles são tantos e jogam tão bem que nenhum estorvo abala grande parte deles. Antes de se consagrarem, viravam-se com trabalhos informais para sobreviver e superar as dificuldades. Assim, chegam ao estrelato como se estivessem brincando com os infortúnios para realizar seus sonhos, como se praticassem games da vida real, sem computador” (URSI, 2005: 80). Ao mesmo tempo em que afirma o potencial criativo das classes populares, esta representação da ausência como causa para o sucesso no futebol cria uma imagem fantasiosa da experiência da privação social. Não seriam o mesmo tipo de crianças citadas na *Autobiografia* de Pelé postas a roubar veículos? (PELÉ, 2006). “Eles foram criados para a liberdade, para inverter direções, saltarem muros, negociarem nos semáforos, venderem a alegria da pipoca e, então, dominarem a bola, o que para eles se faz muito mais fácil do que as outras tarefas que se obrigaram a enfrentar” (URSI, 2005: 80). Na medida em que é caracterizada como esfera do lúdico e do tempo ilimitado, a pobreza romantizada não explicita críticas ou suscita resistências. Neste direção, como argumenta Alabarces, se estrutura a despilitização do futebol, alimentando o mito da existência de uma única via legítima para superar as privações sócioeconômicas.

Ainda que não propicie a mobilidade econômica em larga escala, o futebol possibilita que determinados indivíduos provenientes dos estratos populares “alcancem” os mais altos escalões da fama e do rendimento salarial – nacionalmente e em nível “mundial”. A despeito da intensa visibilidade que suas vidas como boleiros proporcionam, trata-se de uma visibilidade limitada, dado que os jogadores não controlam as produções midiáticas a seu respeito. Uma declaração de Maradona é especialmente significativa no tocante aos mecanismos de desincentivo à enunciação: “Dizem que eu falo de tudo, e está certo. Dizem que briguei com o Papa, e têm razão. Só porque saí de Villa Fiorito não posso falar?” (Maradona 2000:139 apud Alabarces 2002: 145, tradução livre). Conforme aponta Alabarces, todavia, tal reivindicação de direito à voz calcada na oposição ao silenciamento social dos pobres representa igualmente uma mobilização interessada, imersa em relações de poder, posto que Villa Fiorito não é uma vizinhança tão miserável quanto os relatos (e Maradona) pretendem fazer crer. Para além disso, parte do sucesso midiático de Maradona reside precisamente em sua “personalidade polêmica”.

Contudo, reforçar a idéia de que se veio de baixo, alimenta a imagem construída do futebol enquanto meio legítimo para ascensão social dos pobres estimulando a mitologia em torno do futebol na América do Sul, pois o grande jogador vindo de baixo possibilita um

elemento de coesão e de adesão identitária muito maior. Atualmente, um dos melhores futebolistas do mundo é argentino – Lionel Messi – entretanto, não fomenta, pelo menos no que se pode perceber a partir do Brasil, uma mobilização identitária nacional. Aliás, sua imagem é muito mais associada a um clube, um clube europeu. Fenômeno parecido ocorre com os futebolistas brasileiros que cada vez mais são associados a clubes europeus (quando não a marcas de produtos esportivos) do que ao selecionado nacional. Concomitante ao aumento do interesse das empresas transnacionais em associar a sua imagem a futebolistas e selecionados nacionais, está diminuindo o vínculo das pessoas a idéia da “pátria de chuteiras” de outrora e do jogador símbolo da “alma nacional”, contudo, tal tendência ainda é bastante incipiente. O futebol continua a ser um operador importante da nacionalidade.

Pablo Alabarces, por exemplo, demonstra em *Fútbol y patria* como este esporte foi ativado enquanto componente fundamental da nação argentina. De modo algo semelhante ao contexto brasileiro, “o futebol [na Argentina] funcionou ao longo do século XX como um forte *operador de nacionalidade*, como construtor de narrativas nacionalistas fecundas e eficazes, em geral com um alto grau de coerência com as narrativas estatais de cada período” (ALABARCES, 2002: 20, itálicos no original, tradução livre). Após inventariar diversas fases do futebol argentino desde sua inserção no país, Alabarces explora a configuração contemporânea do jogo, investigando as relações que ele estabelece com o “neo-nacionalismo”, com os meios de comunicação e com o contexto político da Argentina no começo do século XXI.

Para o autor, o futebol é um dos gêneros da “máquina cultural de nacionalidade pós-moderna”, pois sua história, seu caráter épico e dramaticidade implícita são características cruciais para uma representação eficaz da nação. Além disso, trata-se de uma esfera “dramaticamente despolitizada”: de acordo com Alabarces, o futebol “narra a nação como um repertório de consumos, não como um conjunto de determinações nem de estruturas; como estilos expressivos, como eleições estéticas, como afirmações passionais; mas nunca, jamais, como um conflito de dominação que não se reduz ao resultado de uma partida” (2002: 108, tradução livre). Tal argumento, ao mesmo tempo em que recupera a noção de uma lógica própria do futebol, cuja existência não pode ser completamente absorvida pelos interesses políticos e/ou econômicos, ajuda a explicar como ele pôde se constituir em instrumento de regimes estatais e/ou administrativos tão diversificados quanto as ditaduras militares, os populismos pseudo-trabalhistas, os associativismos elitistas e os clubes-empresas – para manter os exemplos na esfera de referências latino-americana. Neste sentido, o futebol serve

também aos interesses midiáticos, que não inventam, mas respondem ao desejo de constituição de uma comunidade compartilhada: “Assim, [o futebol] se transforma na melhor mercadoria da indústria cultural” (ALABARCES, 2002: 208).

Alabarces identifica uma espécie de “futebolização” da cultura, com a gramática futebolística estendendo-se à política, à estética, ao cotidiano. Na interpretação de Alabarces, o futebol é mediador: um “lugar em torno do qual se constituem identidades e imaginários, como uma arena dramática quase sem equivalentes, como espaço ritual de massas por excelência na Argentina do presente – e em boa parte do mundo contemporâneo, e inclusive de uma pretensa sociedade global” (2002: 10-11, tradução livre).

Oposições concordantes? Edson, Diego e as mitologias verde-amarela e azul-celeste.

As comparações entre Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, e Diego Armando Maradona, Don Diego, são inúmeras, e na maioria das vezes vazia de um sentido para além da anedota entre fãs do esporte, pois giram em torno de quem foi melhor, quem teve uma vida mais ou menos regrada, enfim. Todavia, pode ser mais profícuo, se é para se insistir na comparação, perceber como ambos os futebolistas foram “construídos” de modo a dar uma “resposta” a representações locais do futebol. A análise realizada por Ana Paula da Silva acerca da trajetória de Pelé é bastante elucidativa nesta direção. A autora deixa claro ao entendimento de quem observa sua análise que o Edson, construiu o Pelé, segundo os moldes vigentes nos anos 1950 – superação das barreiras (inclusive o racismo) pelo trabalho e pela disciplina. (SILVA, 2008a; 2008b). Neste sentido, partilha como boa parte da sociedade brasileira até os dias de hoje, as posições e crenças de que o Brasil, sendo um país mestiço, é automaticamente imune a discriminações, a não ser as de classe.

Com efeito, ainda seguindo pelas informações de Ana Paula da Silva, nos anos 1970, Pelé seria criticado pelos movimentos negros por seu não envolvimento com as causas negras. (SILVA, 2008a). Ora, Pelé fora construído, em grande medida, na condição de um projeto de nação, com o qual Edson aparentemente concorda, desta feita a não adesão à movimentação política dos anos 1970 e posterior é antes de qualquer coisa sinal de coerência, de anuência com um projeto. De maneira análoga a Maradona que insiste na miserabilidade do seu local de partida para sedimentar uma imagem, Pelé, ao persistir na posição construída nos anos 1950 acerca das relações raciais no Brasil, se engaja no projeto de nação vigente. E ambos contribuem sobremaneira para a edificação de mitologias acerca do futebol e dos futebolistas no continente.

Tendo como ponto de partida a contagem regressiva para o milésimo gol de Pelé em 1969, esse artigo propôs reflexões sobre a construção de mitologias futebolísticas. Se o futebol é apresentado atualmente como denominador comum de brasilidade, bem como de outras nacionalidades sul-americanas, a ponto dos atletas serem descritos como “nossos” jogadores e a seleção ser correntemente denominada de “o” Brasil, isto é fruto de um conjunto de vetores convergentes, incluindo a tradição discursiva de autores como Nelson Rodrigues e os interesses patrióticos do estado ditatorial. Paradoxalmente, os jogadores, tomados como imagem síntese para uma representação hegemônica da nação, estão sujeitos a processos de desrespeito e silenciamento tanto na esfera midiática quanto na desportiva. O espaço destinado pelos meios de comunicação ao futebol e aos atletas, higienicamente despolitizado, permite divulgar uma representação das condições de infância adversas de muitos jogadores como espaço lúdico e sem limites que os levaria “brincando” a uma vida de estrelato, culminando num processo perverso de romantização da pobreza.

Referências

- AGOSTINO, Gilberto. (2002). *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad.
- ALABARCES, Pablo. (2002). *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas en la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeu.
- CALAZANS, Fernando. (1998). *O nosso futebol*. Rio de Janeiro: Mauad.
- CARNEIRO NETO. (2007). “Raridades”. *Gazeta do Povo Caderno de Esportes*, Curitiba, domingo 10 jun. 2-2.
- CASTRO, Rui. (1995). *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. (2010). *A virada economia do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo/ Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz*. – Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2010. 228 p.:30cm. Orientador: José Sergio Leite Lopes. Tese (doutorado) – UFRJ/ Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2010.
- FIENGO, Sergio Villena. (2003). “El fútbol y las identidades: prólogo a los estudios latinoamericanos”. In: P. Alabarces. (org.), *Futbolologías*. Buenos Aires: Clacso: 20-35.

FLORENZANO, José Paulo. (1998). *Afonzinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. (2007). *A dança dos deuses: futebol, sociedade cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.

FRANZINI, Fábio. (2003). *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A.

GALEANO, Eduardo. (2004). *Futebol ao sol e à sombra*. 3ª ed., Porto Alegre: L&PM.

GAZETA DO POVO. (2007). “Fifa proíbe máscara e gorro”. *Caderno de Esportes*, quarta-feira, 7 jun., p.5-5.

GUEDES, Simoni Lahud. (1998). *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói : EDUFF.

_____. (2010/11). Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. *Esporte e Sociedade*. Ano 6, n.16, nov.2010/fev.2011

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. (2009/10). Pra Frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. *Esporte e Sociedade*. Ano. 5, n 13, nov.2009/fev 2010.

LA NACIÓN. (1999). La historia de las huelgas. <http://www.lanacion.com.ar/127292-la-historia-de-las-huelgas> acesso 12/07/2011.

LA NACIÓN. (1999). Los jugadores le responden a la Justicia con una huelga. <http://www.lanacion.com.ar/127287-los-jugadores-le-responden-a-la-justicia-con-una-huelga>, acesso 12/07/2011.

LOPES, Sergio Leite. (1999). “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998”. In: *Estudos Históricas*, v.1 n.23. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/289>>. Acesso em 23 abril 2007.

LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio Jorge. (2005). “Darwin e o futebol”. *Revista Eletrônica Polêmica*, Rio de Janeiro: v. 14. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol14/cimagem/p14_9.htm>. Acesso em 5 jan 2008.

LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio Jorge. (2004). “De dentro e de fora: futebol e imagem do Brasil”. *Revista Eletrônica Polêmica*, Rio de Janeiro: v. 13. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol13/cimagem/p13_8.htm>. Acesso em 5 jan 2008.

- LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antônio Jorge. (2003). “Futebol: a construção histórica do estilo nacional”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas: v. 25, n. 1, p. 129-143.
- MOURA, Gisella de Araújo. (1998). *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas.
- PELÉ. (NASCIMENTO, Edson Arantes do.). (2006). *Pelé, a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. (2000). *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp.
- ROCHA, Everardo. (2003). “As invenções do cotidiano”. In: *Jogo de espelhos: ensaios de cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad: 13-32.
- RODRIGUES, Nelson. (2007). *O berro impresso nas manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59*. Rio de Janeiro: Agir.
- SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. (2009). *A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção de identidade nacional*. Campinas : Autores Associados.
- SILVA, Ana Paula da Silva. (2008a). *Pelé e o complexo de “vira-latas”: discursos sobre raça e modernidade no Brasil/ Ana Paula da Silva. – Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2008. x, 218f.: il., 31cm. Orientadora: Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro Tese (Doutorado) – UFRJ/IFCS/ Programa de Pós – Graduação em Sociologia e Antropologia.*
- _____. (2008b). A Copa do Mundo de 1958 e os discursos raciais. *Esporte e Sociedade*. ano 3, n.9, Jul.2008/Out.2008
- SOARES, Antonio Jorge. (1999). “História e invenção das tradições” e “A modo de espera”. *Estudos Históricos*. Vol.1 nº 23. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/revista>. Acesso em 23 abr 2007.
- SOUTO, Sérgio Monteiro. (2004). “Futebol: entre o simbólico e o mercado”. In: J. Garganta, J. Oliveira, M. Murad. (orgs.), *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Cidade do Porto: Universidade do Porto/Campo das Letras: 119-136.
- SOUTO, Sergio Monteiro. (2000). *Os três tempos do jogo: anonimato, fama e ostracismos no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Graphia.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. (2004). “Pelé: os mil corpos de um rei”. In: J. Garganta, J. Oliveira, M. Murad. (orgs.), *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Cidade do Porto: Universidade do Porto/Campo das Letras: 2004: 147-168.

TOLEDO, Luiz Henrique de. (2002). *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP.

URSI, José Melquíades. (2005). *Como nascem os deuses da bola*. Curitiba: Edição do Autor.

Dados dos autores:

Lennita Oliveira Ruggi

Professora Assistente de Sociologia da Educação na UFPR.
Mestre em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pela Universidade de Coimbra.
Mestre em Sociologia pela UFPR.

Principais publicações:

RUGGI, Lennita Oliveira. 2009. *Sonhos em campo: transferências internacionais de futebolistas brasileiros*. São Paulo: Blucher Acadêmico.

RUGGI, Lennita Oliveira; FILGUEIRAS, Raquel Beatriz. 2009. Desigualdades socioculturais e grupos etários. *Didática II*. 1 ed. Curitiba: IESDE, v. 1: 139-158.

RUGGI, Lennita Oliveira; ADELMAN, Miriam. 2008. The Beautiful and the Abject: Gender, Identity and Constructions of the Body in Contemporary Brazilian Culture. *Current Sociology*, v. 56: 555-586.

Endereço para correspondência:

Rua Gastão Poplade, 220, casa 4
CEP: 80.220-160 Parolin
Curitiba – PR – Brasil

Hilton Costa

Graduado em História e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná
Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Doutorando em História na Universidade Federal do Paraná

Principais publicações:

COSTA, Hilton; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. *Notas de História e Cultura Afro-brasileiras*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2007

Endereço para correspondência:

Rua Guilherme Weiss, 526
CEP 83323-200 - Vila Tarumã/Estância Pinhais
Pinhais – PR – Brasil

¹ Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado *Sonhos em campo: transferências internacionais de futebolistas brasileiros* (RUGGI, 2008), orientada pela Prof. Maria Paula Meneses e apresentada ao Programa de Mestrado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global da Universidade de Coimbra. O trabalho completo foi publicado sob o mesmo título pela Editora Blucher (SP) em 2009.